
DICIONÁRIO de
ERROS FALSOS e
MITOS do
PORTUGUÊS

Marco Neves

NÃO-FICÇÃO · LÍNGUA PORTUGUESA

ÍNDICE

LISTA DE MITOS.	13
-------------------------	----

INTRODUÇÃO

<i>Qual é a língua mais estranha do mundo?</i>	15
<i>Como usar este dicionário?</i>	27
<i>O que é um erro falso?</i>	29
<i>Mas é assim tão fácil criar erros falsos?</i>	34
<i>Mas os erros falsos fazem algum mal?</i>	37
<i>Já agora, o que são erros verdadeiros?</i>	38
<i>Não podemos não gostar duma palavra?</i>	40
<i>Como escrever bem?</i>	41

BREVE GLOSSÁRIO	43
---------------------------	----

ERROS FALSOS E MITOS DO PORTUGUÊS

51

A GENTE – COMO RESOLVER AMBIGUIDADES

COM O CORPO	53
-----------------------	----

A LUA ESTÁ MAIOR – QUESTÕES DE TAMANHO

60

ACABOU DE TERMINAR – O MISTÉRIO DA REDUNDÂNCIA

FANTASMA	62
--------------------	----

AMIGO MEU – O PLEONASMO INVISÍVEL	64
ATRAVESSAR A MANCHA – DISPARATES DE PORTUGUÊS	67
BEIJINHOS GRANDES – AS VOLTAS DA LÍNGUA	70
BELO (SUBSTANTIVO) – PENSE BEM, SE FAZ FAVOR.	72
BICHO-CARPINTEIRO – PAREM COM ISSO!	80
BRUTAL (COM SENTIDO POSITIVO) – UMA QUESTÃO PESSOAL	81
COMER (SUBSTANTIVO) – A LÍNGUA DE PIJAMA	86
COPO DE ÁGUA – AVENTURAS COM UMA PREPOSIÇÃO	91
DESLARGAR – A INCRÍVEL HISTÓRIA DO PRONOME COM DUAS VIDAS	93
DETENTO – AS PALAVRAS DOS OUTROS	101
DICA – O MEDO DAS PALAVRAS NAVEGANTES	106
DUM – A QUEDA DUMA CONTRACÇÃO	111
ESPAÇO DE TEMPO – O MEDO DA CONFUSÃO DOS OUTROS	114
ESPAÑHOL – UMA LÍNGUA COM DOIS NOMES	116
ESTÁJAVER? (ORALIDADE) – A MULHER QUE INSISTIA EM PRONUNCIAR OS ESPAÇOS	118
ESTIVÉRAMOS – DISPARAR PRIMEIRO, PERGUNTAR DEPOIS.	128
FAZER A BARBA – A ILUSÃO DA SUPERIORIDADE	132
GARANTIR QUE FAZEMOS ISTO – A COMPLEXIDADE DA LÍNGUA	135

IMENSOS DICIONÁRIOS – A NORMA DÁ	
UM PEQUENO SALTO	138
JÁ AGORA – QUAL É O SENTIDO DAS	
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS?	145
MAIS PEQUENO – UMA LÍNGUA DESARRUMADA.	148
MAL E PORCAMENTE – A LÍNGUA MEXE-SE	151
MÍSTER – A LÍNGUA EM JOGO.	153
NÃO HÁ NADA – LÓGICA E PENSAMENTO	155
OBRIGADA! – O GÊNERO DO AGRADECIMENTO.	159
PARA ALÉM DISSO – OS CORTADORES IMPLACÁVEIS	164
PELOS VISTOS – PELOS VISTOS, HÁ QUEM NÃO GOSTE	165
PORTUGUÊS DE PORTUGAL – UMA REDUNDÂNCIA?.	167
QUERIA UM COPO DE ÁGUA – LÓGICAS DE ALGIBEIRA	170
SOLAR (VERBO) – ARRANJAR SAPATOS	
EM CIMA DO PALCO?	171
SORRISO NOS LÁBIOS – UMA BELA REDUNDÂNCIA	174
TEM DIAS – O ESTRANHO CASO DO	
PRONOME DESAPARECIDO	177
TENHO SAUDADES TUAS – UM ERRO ESTÁ	
ONDE UM HOMEM QUISER	181
TERRAMOTO – AS SUPERSTIÇÕES DA LÍNGUA.	182
TIRAR AS IMPRESSÕES DIGITAIS – FAZER PISCINAS	
E OUTROS PRAZERES	186

VOCÊ – A GRANDE GUERRA	189
VOLTA À FRANÇA – UMA VOLTA PELA LÍNGUA	197
VOLTAR ATRÁS – A LÍNGUA E O PASSADO	204
EPÍLOGO	
<i>O estranho caso do português que pensava que sabia inglês</i>	209
NOTAS E AGRADECIMENTOS	219
ÍNDICE REMISSIVO	225

INTRODUÇÃO

Qual é a língua mais estranha do mundo?

Este livro foi escrito para todos os que gostam de saber mais sobre a língua portuguesa. Ora, antes de começarmos o percurso por alguns espantosos recantos da nossa língua, peço que me acompanhem numa viagem à Índia. Já veremos a razão deste desvio...

Os linguistas e os antropólogos, de vez em quando, trazem-nos notícias de línguas cheias de palavras com um significado tão esmiuçado que ficamos a pensar: por que razão alguém criou uma palavra para dizer precisamente *aquilo*? Outras vezes, é a gramática dessas línguas exóticas que nos espanta: há línguas com milhões de formas diferentes para cada verbo; outras em que os verbos são todos irregulares; umas quantas que dividem os nomes entre animados e inanimados; entre muitas outras maneiras de nos espantar.

Pois, ali escondida num recanto da Índia, há uma língua chamada bodo – tem uma gramática complexíssima e um sem-número de palavras peculiares, com sentidos que nos deixam a coçar a cabeça. Repare o leitor, por exemplo, nestas três palavras:

- > *egthu*: um verbo que indica o momento em que começamos a sentir um certo conforto no meio de um grupo de pessoas que não conhecíamos;

- > *goblo*: um verbo que indica a troca de um objecto por objectos de valor inferior que, em conjunto, têm o mesmo valor que o objecto original;
- > *khonsay*: o momento exacto em que um casal numa relação duradoura tem relações sexuais pela primeira vez.

Palavras estranhas, não é? Por que carga de água há-de esta língua ter uma palavra para a primeira relação sexual de um casal?

A gramática do bodo é ainda mais estranha: a língua divide todos os nomes entre a categoria azul e a categoria vermelha. Os linguistas chamam «género» a esta divisão, mas, ao contrário das línguas que nos são mais habituais, não é uma divisão por sexo, mas por cor: os nomes dos objectos azuis terminam em «-o» e os nomes dos objectos vermelhos terminam em «-a». Quando um nome não é nem azul nem vermelho (por ter outra cor ou por ser um conceito abstracto), é integrado num dos géneros de forma aparentemente aleatória. Há ainda casos em que um objecto vermelho é integrado no género azul, não se sabe bem porquê.

Há mais surpresas: algumas palavras são objecto de tabus peculiares. São usadas por uma grande parte dos falantes de bodo, mas não podem ser ditas em contextos formais. Por exemplo, a palavra «*goblo*», que descrevi acima, é considerada imprópria para muitas situações. No entanto, não é um palavrão nem descreve nada de embaraçoso. É apenas considerada imprópria, sem grande razão para tal...

E a gramática da língua? Há um tempo verbal próprio para nos referirmos a qualquer coisa que aconteceu repetidamente

nos dias anteriores ao momento da fala: «*nhote ladofa moc lee*» significa que o sujeito falou regularmente com outra pessoa nos últimos tempos. Há ainda um tempo verbal que indica alguma coisa que ocorreu no futuro de um acontecimento passado. Ou seja, se eu falo de uma revolução que aconteceu em 1990 e quero referir-me a qualquer coisa que aconteceu cinco anos depois (no futuro da revolução, mas no nosso passado), tenho um tempo verbal próprio nesta língua da Índia. Ah, e se tivermos a certeza do que estamos a dizer, usamos uma certa conjugação verbal, mas, se tivermos dúvidas, usamos outra. É um espanto, a gramática desta língua.

* * *

Talvez o leitor tenha percebido o truque... As descrições acima não são da tal língua indiana (que existe e é interessante, mas não tem estas características). Muito do que descrevi acima aplica-se, com algumas alterações, ao nosso português!

Vá, peço desculpa pela malandrice. Foi uma maneira de espicaçar a curiosidade de quem me lê...

Sim, há um tempo verbal que indica uma acção que se repete várias vezes: «Tenho falado com ele.»¹ É o pretérito perfeito composto, que, neste caso, tem um sentido *iterativo*.

Este pretérito perfeito composto também é usado em certas construções condicionais: «Se eu tenho falado com ele ontem, nada disto acontecia!» Há quem veja neste uso alguma informalidade – ou mesmo um erro –, mas tudo dependerá dos hábitos

¹ Aliás, a frase «*nhote ladofa moc lee*» é «tenho falado com ele» com as letras baralhadas.